



Projeto Mário Travassos

Artigo de Opinião

“Faca na caveira e Foucault no coração”

Fabício de Queiroz

“Faca na caveira e Foucault no coração”

Fabício de Queiroz

“Faca na caveira e Foucault no coração”.

Essa é uma imagem surgida em conversa com minha chefe, amiga e doutora em Educação, Stephane Araújo da Silva, Diretora da Escola Nacional de Serviços Penais. Para a sua pesquisa de doutoramento, em uma dinâmica, ela pediu que os alunos do curso de formação profissional desenhassem algo que expressasse seus sentimentos em relação ao agente federal de execução penal, cargo que potencialmente eles integrariam após o período formativo.

Do desenho, emergem importantes questionamentos: como ideias e atitudes tão antagônicas poderiam conviver no mesmo indivíduo? Quais dinâmicas experienciadas na escola estariam levando os alunos a se compreenderem de forma tão paradoxal e, porque não dizer, esquizofrênica, retratando cinicamente o seu próprio papel institucional? Quais os dilemas pessoais e profissionais estariam sendo enfrentados pelos alunos ainda no âmbito do seu processo formativo?

Sabemos que Michel Foucault elaborou uma sociologia crítica da punição, falando das relações de poder social que objetivam o controle das massas. Ele também enfocou o abuso do poder exercido por meio das instituições, em especial, as prisões, além de descrever os modelos de sociedade disciplinar/punitiva e de vigilância integral adotados pelos Estados modernos. Notadamente, em suas obras, é possível identificar o viés crítico com relação ao desenvolvimento das dinâmicas de poder vivenciadas pela sociedade de seu tempo, sendo frontalmente contrário, principalmente, à forma de execução penal pela qual os indivíduos infratores eram submetidos a penas coercitivas e desumanizantes.

É nesse contexto que Foucault aplica o conceito de panoptismo, a partir da obra de Jeremy Bentham, para descrever os mecanismos de otimização do controle estatal sobre uma grande massa de indivíduos, passível de ser realizada até por um único homem. Isso era feito por meio de um projeto arquitetônico cujo observatório central permitia ampla

visualização das celas dos presos, otimizando-se a vigilância que deveria ser feita por muitos.

Para Foucault, a vigilância estatal e não estatal era e ainda é constante e ininterrupta, sendo irradiada no Estado e em outras instituições, como escolas, igrejas, fábricas. Ela é exercida também pelos próprios indivíduos, ora na situação de denunciados, ora na de denunciantes. Todos estariam sob constante observação, em conformidade com o conceito do *Big Brother*, oriundo do romance *1984*, de George Orwell. Para Foucault, a vigilância seria onipresente e onisciente e geraria efeitos deletérios e traumáticos, frutos da coação psicológica disfarçada e sutil, o que deveria ser criticado e eliminado na sociedade contemporânea.

Em que pese o valor intelectual da obra foucaultiana, cabe salientar que o modelo penitenciário atual, que inclui as mais diversas instituições de cumprimento de pena, foi criado no intuito de se eliminarem as punições por meio de torturas físicas, como era costumeiro em épocas passadas. Implementam-se as prisões, é verdade, com o objetivo de cercear a liberdade dos indivíduos-infratores, sujeitando-os à disciplina, mas a fim de reeducá-los e, finalmente, ensejando-se uma ressocialização. Antes eles eram sumariamente assassinados da forma mais cruel. Contudo, força é de reconhecer que tal modelo se mostra utópico no País, atualmente, sendo apenas capaz de “vigiar e punir” aqueles que possuem a conduta desviante da norma padrão, pegando emprestado o título da obra mais emblemática do autor.

Não obstante, na contramão da defesa tão convicta da liberdade, que é feita na Escola Nacional de Serviços Penais, sob a influência das ideias de Foucault, a imagem esboçada por um dos alunos traz justamente o simbolismo da “faca na caveira” que é atualmente adotado pelas tropas de operações especiais...

Essa imagem, contrariamente ao que comumente se imagina, não se remete a uma possível apologia ou um culto à morte, mas significa o oposto, a ideia da vitória sobre a morte. As origens do símbolo remontam à Segunda Guerra Mundial. Sendo fato verídico ou não, relata-se que um integrante de tropa especializada atravessou os campos de batalha dominado pelos alemães e, cravando uma faca na caveira que decorava a mesa de um abrigo nazista, bradou a plenos pulmões “vitória sobre a morte!”

É importante esclarecer que as tropas especiais, como a sua designação já enuncia, são incumbidas de atribuições muitíssimo especializadas, do ponto de vista da sua atuação

estratégica, em ambiente volátil e de alto risco. São equipes extremamente treinadas e bastantes operacionais, acionadas, geralmente, em situações específicas de crise, como último recurso, em razão da sua letalidade e da maior possibilidade de danos colaterais.

A operacionalidade, a disciplina e a força física e moral são características fortemente atribuídas a essas tropas, sendo parte da sua mística, especialmente após a produção do filme brasileiro *Tropa de Elite*, do diretor Jose Padilha, de 2007. No inconsciente coletivo, esses grupos passaram a ser considerados como o símbolo de imposição de poder estatal repressivo contra indivíduos que atuam à margem da lei, eventualmente perpetradores de eventos críticos.

Aparentemente, o aluno do curso de formação em questão que fez o desenho se identifica e se reconhece no símbolo popular da atuação policial operacional, a “faca na caveira”. Infere-se que esse sentimento, provavelmente, deriva dos inúmeros treinamentos desenvolvidos durante o próprio curso de formação, inerentes às disciplinas operacionais que compõem a maior parte do currículo profissional.

Aliado a isso, a metáfora do aluno traz um tom carnavalesco e zombador, ao sincretizar conceitos tão antagônicos e o título da imagem - “Foucault no coração”. Como um teórico neo anarquista que geralmente é utilizado como referência para os estudiosos das causas desmilitarizantes, desencarcerantes e críticas dos regimes atuais de cumprimento de penas, pode ser mixado à figura de um agente federal de execução penal, altamente armado e equipado, tendo a caveira como “estandarte”?

Com o fito de responder ao questionamento anterior, bem como aos demais expressos ao longo desta reflexão, cabe uma tentativa despretensiosa de se analisar a heurística da imagem em contexto escolar, utilizando, o que se busca acreditar, um pensamento crítico, pautado em premissas verdadeiras, ao menos no ponto de vista pessoal do autor.

Retomando a minha conversa com a Diretora da Escola Nacional de Serviços Penais, a que suscitou a lembrança da citação da icônica e estrombólica imagem, é importante destacar que essa advinha da seguinte questão: a potencial influência das instruções nos cursos de formação profissional, aos quais os alunos eram e são submetidos, visando ao desenvolvimento das competências desejadas institucionalmente.

Constatamos a exorbitante amplitude no tratamento de temas em uma mesma jornada diária de instruções: disciplinas que enfocam direitos humanos, ressocialização e o desenvolvimento de competências sociais e outras que buscam desenvolver a operacionalidade, as técnicas, táticas e demais atributos de um “guerreiro”, compreendido como o profissional modelo pronto para responder eficaz e eficientemente a quaisquer situações de perigo ou de subversão da ordem pública.

De fato, começa-se o dia com Ética, passa-se à Defesa Pessoal. Depois, almoço, entra-se em forma, desloca-se para o estande de tiros para se ter aula de Armamento e Tiro. Finalmente, para fechar o “expediente”, discorre-se sobre Direitos Humanos na sala 3. Eis a montanha-russa formativa, que ora proporciona um frio na barriga decorrente das curvas da quebra de expectativas, ora o enjoo característico das mudanças bruscas de direção, tendo em vista as profundas discrepâncias entre as disciplinas.

Nesse contexto, o antagonismo, os dilemas e os conflitos povoam o imaginário do aluno que, alucinadamente, mistura alhos com bugalhos, caveira com anseios pela liberdade e emancipação. Estão postas as condições necessárias para uma personalidade profissional fraturada de um indivíduo em crise existencial e profissional, pois não se compreende como o sujeito pode levantar as bandeiras da paz e da guerra, uma em cada mão...e com qual se deve abrir ou fechar a cela do preso.

Pedindo desculpas pela verborragia por usar, mesmo que, por um instante, a licença poética dos ficcionistas e poetas, retomo a racionalidade para, com base no enredo apresentado, afirmar taxativamente que algo não vai bem. A personagem criada pelo aluno clama, em silêncio, sobre um dilema que é vivido todos os dias. Imagina-se o sentimento daquele que, sentado nos bancos formativos, tenta definir: qual o servidor que ele desejaria ser? qual o servidor que esperam que ele seja? qual ele conseguiria ser? Para o que ele está sendo realmente preparado? Teria ele a capacidade de, como um motor que possui chave comutadora, mudar de “rotação”, ou melhor, de personalidade, para encarnar ora o reabilitador, ora o combatente?

Evidentemente, a minha reflexão sobre o tema não tem a capacidade de dar conta plenamente da heurística da imagética do aluno, mas fica claro que o formato educacional do curso, até então adotado, causa certo desconforto existencial, traduzido na incapacidade de autorepresentação, no que se refere à construção de sua imagem profissional. Uma análise pedagógica mais profunda se mostra necessária, haja vista a formação ser um momento crítico na vida profissional do servidor, pois é nela que se

adquirem conhecimentos, se desenvolvem habilidades e atitudes, além de valores, crenças, dogmas e tudo aquilo que integra a cultura institucional, que devem ser reproduzidos nas práticas laborais, pós-curso. Uma análise pedagógica que não se pode fazer, por assumir paradoxos e limitações flagrantes no cotidiano da formação, por não se poder questionar as referências de base da preparação do agente penitenciário e do policial, nos dias que correm, e como está difícil, minha gente, assumir que o rei está nu...